



REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

ENTRE A VISIBILIDADE DO TRADUTOR E A SALVAGUARDA DA MEMÓRIA CULTURAL: OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO DAS POÉTICAS ORAIS DO INTERIOR DA BAHIA PARA A LÍNGUA ESPANHOLA

ENTRE LA VISIBILIDAD DEL TRADUCTOR Y LA SALVAGUARDIA DE LA MEMORIA CULTURAL: LOS DESAFÍOS DE TRADUCIR POÉTICAS ORALES DEL INTERIOR DE BAHÍA AL ESPAÑOL

CLAUDIANA FERREIRA DE JESUS GONÇALVES

Graduanda em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: 18141156@discente.uefs.br

ALINE DE FREITAS SANTOS COSTA

Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: afsantos@uefs.br

ANA JACI MENDES SOUZA CARNEIRO

Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: anajaci@uefs.br

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte dos resultados alcançados na pesquisa apresentada como trabalho de conclusão de curso. O presente trabalho apresenta alguns dos desafios identificados no processo de tradução, para a língua espanhola, de lexias presentes nos contos orais: “O corumba, o dragão e o anel” e “Rosa Branca - Parte 1” em Poéticas Oraís do interior da Bahia. O objetivo desta pesquisa é analisar e discutir as dificuldades e complexidades identificadas na tradução do referido *corpus*, considerando especialmente o tratamento duplo nessa tarefa de tentar conservar a memória identitária e, ao mesmo tempo, garantir a visibilidade da postura ativa do tradutor, enquanto mediador cultural e sujeito historicamente situado. A metodologia adotada é de abordagem descritiva e qualitativa e tem como pressupostos teóricos Bezerra, Sampaio e Rodrigues (2018); Canabarro, Moser e Ernesto (2018); Candau (2019); Queiroz e Santos (2023); Mercês e Santos (2023); Saraiva (2020) e Tedesco (2014), Venuti (1995; 2019); Arrojo (2007), Aubert (1995) e Costa (2005). A análise foi respaldada nas tendências de Estrangeirização e Domesticação de Lawrence Venuti (2019). Os resultados indicam uma predominância da tendência à domesticação, cuja estratégia tradutória evidencia a adaptação do texto-fonte na língua de recepção, de modo que ele pareça “natural” e fluente ao leitor estrangeiro (Venuti, 2019). No entanto, observamos que em alguns casos, esse caminho demanda a intervenção de quem traduz e ao mesmo tempo a supressão de aspectos culturais, históricos e sociais importantes do TF. No caso da estrangeirização as ocorrências sugerem o inverso. Os resultados alcançados nesta pesquisa ratificam o caráter social, político, ideológico e cultural da tradução e apontam para a importância da tomada de decisões tradutórias alinhadas a essas particularidades.

Palavras-chave: Tradução Cultural. Domesticação e Estrangeirização. Poéticas orais. Memória cultural. Visibilidade do tradutor.

ABSTRACT

Este artículo presenta un recorte de los resultados alcanzados en la investigación presentada como trabajo de conclusión de curso. El presente trabajo desarrolla algunos de los desafíos identificados en el proceso de traducción, para la lengua española, de lexias presentes en los cuentos orales: “O corumba, o dragão e o anel” e “Rosa Branca - Parte 1” en Poéticas Orales del interior de Bahía. El objetivo de este estudio es analizar y discutir las dificultades y complejidades identificadas en la traducción del referido *corpus*, considerando especialmente el doble desafío en esta tarea de intentar conservar la memoria identitaria e, al mismo tiempo, garantizar la visibilidad de la postura activa del traductor, encuanto mediador cultural y sujeto historicamente situado. La metodología adoptada es de enfoque descriptivo, cuanti y calitativa y se fundamenta en los presupuestos teóricos de Bezerra, Sampaio e Rodrigues (2018); Canabarro, Moser e Ernesto (2018); Candau (2019); Queiroz e Santos (2023); Mercês e Santos (2023); Saraiva (2020) e Tedesco (2014), Venuti (1995; 2019); Arrojo (2007), Aubert (1995) e Costa (2005). El análisis está basada en las tendencias de Estrangeirización y Domestición de Lawrence Venuti (2019). Los resultados indican un predominio de la tendencia hacia la domesticación, cuya estrategia traductoria evidencia la adaptación del texto fuente en la lengua de recepción, de modo que parezca “natural” y fluido para el lector extranjero, (Venuti, 2019). Sin embargo, observamos que, en algunos casos, este camino construye en dilema entre la intervención del traductor y la eliminación de elementos culturales, históricos y sociales importantes del texto fuente. En el caso de la extranjerización, las ocurrencias sugieren lo contrario. Los resultados alcanzados en esta investigación comprueban el carácter social, político y cultural de la traducción, y subraya la importancia de la toma de decisiones traductológicas alineadas con estas particularidades.

Palabras claves: Traducción Cultural. Domestificación y Extranjerización. Poéticas orales. Memoria cultural. Visibilidad del traductor.



1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte dos resultados alcançados na pesquisa apresentada como trabalho de conclusão de curso, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Poéticas Orais e inserida no projeto “*Cacimba de Histórias: Vidas e Saberes dos Contadores de Histórias Tradicionais do Interior da Bahia*”. Tem como objeto de Estudo os contos orais do interior da Bahia, no nordeste Brasileiro, através do plano de trabalho *Transcendendo Fronteiras Narrativas: Tradução para o Espanhol das Poéticas Orais dos Contadores de Histórias do Interior da Bahia*, o qual a autora deste trabalho fez parte através do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PEVIC/UEFS), sob a orientação da professora Ana Jaci Mendes Souza Carneiro. Diante disso, a análise e discussão dos dados apresentados partem da experiência da pesquisadora, na condição de tradutora e analista de sua própria tradução realizada no par linguístico do Português Brasileiro (PB) para o Espanhol Hispano Americano (EH).

O *corpus* analisado no presente trabalho constitui-se de dois contos orais comuns de determinadas comunidades do interior da Bahia, a saber: 1) *O curumba, o dragão e o anel*, 2) *Rosa branca parte 1*, e suas respectivas propostas de traduções para o espanhol realizadas pelas pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais (GEPO/UEFS) no projeto “*Cacimba de Histórias: Vidas e Saberes dos Contadores de Histórias Tradicionais do Interior da Bahia*”.

A prática da Contação de Histórias é uma tradição milenar presente em um matizado de culturas ao redor do mundo. Nesse cenário específico do interior da Bahia, essa tradição oral exerce um papel fundamental na transmissão de conhecimentos, valores e identidades culturais. Contudo, é importante destacar a valia da preservação dessas narrativas não apenas na forma oral, o que pode representar um desafio para a sua disseminação e perpetuação. Diante disso, a tradução de narrativas orais para outros idiomas, como o espanhol, torna-se uma tarefa essencial para garantir a continuação e o compartilhamento dessas riquezas culturais.

O projeto de pesquisa “*Cacimba de Histórias: Vidas e Saberes dos Contadores de Histórias Tradicionais do Interior da Bahia*” (GEPO/UEFS) proporciona um panorama rico das Poéticas Orais presentes nessa região, revelando a diversidade e a profundidade dessas narrativas, mas também abre espaço para a difusão desses textos por meio da tradução. Dessa maneira, propomos neste artigo, uma reflexão acerca dos desafios que emergem das particularidades linguísticas, culturais e contextuais das Poéticas Orais neste processo de apresentação em língua estrangeira.

A prática da tradução carrega consigo um contexto milenar e cultural que abarca diversas nuances, pelas quais perpassam questões culturais, ideológicas e políticas relacionadas à atuação do tradutor. Estes elementos interferem de maneira significativa no trabalho tradutório. Quando traduzimos, estamos compartilhando a essência de uma cultura, a história de um povo e a complexidade de uma língua

enquanto fenômeno social. Dessa forma, a tradução das Poéticas Orais não deve ser compreendida como uma mera transposição, mas como um ato de comunicação, cujo processo envolve a interpretação e recriação de significados em um contexto distinto. Além disso, é preciso considerar os aspectos morfológicos e sintáticos da língua, bem como as questões semânticas, que são moldadas por elementos históricos e sociais e refletem as nuances culturais inerentes a cada texto.

Quando nos deparamos com o desafio da tradução, entendemos que não estamos lidando com as palavras, mas com todo um universo de significados, em que a língua se manifesta como um ato de fala, um discurso que transcende fronteiras e se configura, simultaneamente, como uma expressão individual e coletiva.

Sobre este aspecto, Francis Aubert (1995), afirma que:

[...] a operação tradutória propriamente dita envolve não apenas léxico e gramática, mas a totalidade do texto, texto esse que incorpora em si a língua enquanto estrutura, a língua enquanto fato histórico social (logo, cultural), e a língua enquanto ato de fala, de discurso, configurando-se, pois, simultaneamente, como individual e coletivo (Aubert, 1995, p. 32).

Na tradução das narrativas dos contos orais, é preciso pois, direcionar a atenção para essas características devido à importância do constructo sociocultural, repleto de elementos extralinguísticos que contribuem para a sua representação. Diante disso, nessa experiência, o tradutor de maneira cirúrgica, preocupa-se em respeitar a essência da identidade cultural desses contos de forma assimilativa mas, ao mesmo tempo, regido por seus princípios e valores culturais, acaba por deixar marcas de seu posicionamento, especialmente através das escolhas tradutórias.

A metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa é de caráter bibliográfico, abordagem qualitativa. Para análise foi elaborada uma ficha com informações sobre os elementos dos contos selecionados e a indicação da estratégia tradutória identificada, a partir das tendências apresentadas por Lawrence Venutti (2019), estrangeirização e domesticação. A fundamentação teórica deste trabalho alinha-se às perspectivas dos Estudos das Poéticas Orais e dos estudos da tradução, conforme apresentamos a seguir.

2 MEMÓRIA, IDENTIDADES E CONTOS ORAIS

Os contos orais para aqueles que não têm acesso à cultura escrita promovem que essas pessoas tenham experiências literárias semelhantes àqueles que a tem. A narrativa oral tem uma importância histórica e cultural significativa. Como observado por Mercês e Santos (2023), “a maior característica da cultura popular está na oralidade, conectada por um sentido prático, que é da própria existência humana” (Mercês; Santos, 2023, p. 2).

As práticas de contação de histórias orais são essenciais para a preservação e manutenção da cultura e identidade de um povo, particularmente evidentes em algumas comunidades do interior da Bahia. Segundo Canabarro, Moser e Ernesto (2018, p. 113), [...] a referida prática veiculada através da “[...] oralidade é um exercício para refletir sobre memória e identidade [...]”, aspectos diretamente ligados às práticas de significados e representações no contexto sociocultural. Esses autores destacam quatro conceitos fundamentais: cultura, representação, identidade, memória e a importância da comunicação na repartição do conhecimento. Ao examinar as nuances que permeiam esses conceitos, os autores destacam a relevância do fator comunicação no processo de repartição do conhecimento por meio de práticas culturais de grupos sociais específicos.

As identidades, como gênese da construção do conhecimento, nutrem a formação das experiências culturais através das práticas de contos orais. Essas narrativas perpetuam a memória e a identidade cultural, refletindo as experiências e valores da comunidade.

Stuart Hall (2012) defende que as representações culturais são formadas dentro de discursos estabelecidos por grupos que compartilham vivências e significados.

Além disso, vale destacar que as identidades são construídas sobre histórias de vidas compartilhadas ao longo dos anos, ainda que estejam atadas a uma impalpabilidade circunstancial que situa o saber num determinado espaço de tempo.

A identidade possui um caráter social que atravessa diversas camadas. Ela é expressa pela linguagem dos sujeitos com variadas visões de mundo e nas representações culturais acompanhadas das diversas memórias e símbolos. A oralidade desempenha um papel crucial nesse processo, pois é através da transmissão oral que muitas dessas memórias e identidades são preservadas e compartilhadas. A tradição oral permite que histórias, valores e conhecimentos sejam passados de geração em geração, reforçando a coesão social, sob o conceito durkhemiano, e cultural dentro de uma comunidade.

Vale ressaltar que, diante desses pontos mencionados, “[...] a memória é também um processo de construção configurado na relação do sujeito com instituições sociais, como a família, a igreja, a escola, entre outras [...]” (Canabarro; Moser; Ernesto, 2018, p. 114, *apud* Halbwachs, 2003). Nessa perspectiva, esses autores concordam que a experiência humana, enquanto prática cultural, faz parte de um constructo de reconstruções dos cotidianos desses sujeitos pertencentes a determinados grupos sociais. Eventos de memória são momentos ou ocorrências que se tornam significativos para um grupo ou indivíduo, servindo como elo entre épocas passadas e o tempo atual, como figuras de lembranças e referências no presente que reinventam sua existência e temporalidade anterior.

Conforme a perspectiva de Tedesco (2014, p. 212) “os eventos de memória são figuras, símbolos, representações culturais da lembrança que possuem eficácia, capacidade de evocação e de coesão”. Esses eventos são essenciais na cultura popular, pois ajudam a conservar a identidade e a história das comunidades, por meio da transmissão oral e outras formas de registro cultural. A memória detém a capacidade de armazenar informações através da psique, permitindo ao sujeito acessar e atualizar impressões passadas, que se representam como tal. (Tedesco, 2014).

Essa definição coincide com a de Burke (1992) sobre história cultural, que destaca a importância de considerar múltiplas interpretações e narrativas sobre o passado. Isso pode ajudar os pesquisadores a compreender essas experiências anteriores por meio da análise das diferentes perspectivas desses grupos sociais e seus contextos culturais distintos. Candau (2012, p. 157), afirma que “um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha”. Nesse sentido, a memória coletiva não pode ser concebida distanciada da construção coletiva, uma vez que se mantém em constante processo de reconfiguração através da colaboração das gerações futuras. Dessa maneira, entendemos que as poéticas orais se constroem e reconstróem ao longo dos tempos.

Pode-se observar que, as memórias transportam os sujeitos, independentemente de sua classe social, para a construção do coletivo. Isso funciona como um instrumento que permite criar significados a partir do cotidiano e da coletividade compartilhada. As memórias dos grupos sociais contêm quadros de significação que incluem estratégias, simbologias, representações e experiências de vida cotidiana que moldam temporalidades e espacialidades.

Diante dessa reflexão, Bezerra, Sampaio e Rodrigues (2018) destacam que a literatura oral funciona como objeto de estudo da memória e da identidade, devido à sua importância na construção da identificação de uma cultura popular, cujo método se baseia na história compartilhada entre os grupos. A memória e a identidade são elementos centrais na formação do sujeito e da cultura em que estão inseridos desde seus primeiros momentos de vida. Nesse contexto, essa construção ocorre de forma gradual, pois a disseminação do conhecimento e do saber está diretamente ligada à vida e à cultura desses indivíduos inseridos no cotidiano de uma sociedade. As memórias construídas por esses sujeitos servem como base para as futuras gerações, e isso acontece por meio da transmissão oral, que garante a preservação da memória dos eventos vividos ao longo das gerações.

[...] a memória desempenha uma função social muito importante na formação da cultura de uma sociedade, especialmente na cultura popular, que tem como principal veículo de transmissão a oralidade. Isso requer um maior esforço de memorização, pois apenas quem possui uma boa memória é capaz de adquirir um repertório significativo dos saberes dessa cultura [...] (Bezerra; Sampaio; Rodrigues, 2018, p. 3).

Nessa perspectiva, entendemos que a tradição de transmitir acontecimentos sociais segue uma linha do tempo em que o passado se entrelaça com o presente, de forma que fatos de outras épocas se cruzam com eventos atuais. Assim ocorre com a transmissão da história desde a infância, principalmente por meio dos relatos dos avós, que introduzem as crianças a esse mundo entre o limiar do passado com o presente. Isso evidencia o impacto gerado pelos contos orais, cujas narrativas das histórias contadas são transmitidas de geração em geração, com a finalidade de difundir cultura e retratar as relações humanas. Essas histórias abordam aspectos morais, políticos e sociais, éticos e valores a elas conectados.

2.1 A TRADIÇÃO DE CONTOS ORAIS NO INTERIOR DA BAHIA

A tradição de contos orais é uma forma de transmissão de conhecimentos da cultura popular de um povo, um veículo universal que carrega nuances textuais integradas a melodias, ritmos, sonoridades e harmonias de canções e contos. Em forma de versos contados refletem a identidade, os valores de uma comunidade e as questões culturais presentes na cultura popular brasileira, reforçando a diversidade de saberes transmitidos de geração em geração. Desde tempos longínquos, os contadores de histórias detêm um papel primordial na preservação da identidade e dos valores locais. Essas narrativas, muitas vezes passadas de geração em geração, representam a rica diversidade cultural do interior baiano.

Em algumas comunidades do interior da Bahia, a tradição de contos orais está viva e presente em diversas esferas da vida comunitária. Contadores de histórias como Dona Neném, da cidade de Serrolândia-BA e Dona Cirlene, da cidade de Caem-BA, participantes que foram entrevistadas na pesquisa de campo do Projeto Cacimba. Elas são mestras que compartilharam de seus conhecimentos através dos versos cantados nas festividades, roda de contação de histórias nas praças das cidades, chamada Roda de Cheganças, são figuras centrais nesses encontros comunitários. Elas e outros mestres transmitem histórias e canções, entre contos maravilhoso e causos, os primeiros mesclam realidade e fantasia de horror e o segundo, humor e lições de vida.

Queiroz e Santos (2022) observam, em seu artigo, que [...] a contação de história e a música são artes carregadas de criatividade e conhecimento poético [...]. Nesse sentido, entendemos que a contação de histórias versa com a criatividade e o conhecimento poético presente nas narrativas desses contos, de modo que a musicalidade agrega tom, ritmo, cores e sentidos aos diversos temas cantados nas rodas.

As narrativas das poéticas orais passam por um processo de transformação semelhante a uma metamorfose quando se transportam do cenário das narrativas orais e alcançam outras formas de narração na contemporaneidade. Sobre esta perspectiva Costa (2015), pontua que [...] a liberdade de escolha do transmissor da tradição permite observar que o

grande texto é uno e ao mesmo tempo divisível, recortável, para se realizar em suas diversas configurações[...]. Essa disseminação do conhecimento contribui para a perpetuação da memória da arte da contação de histórias ao longo dos anos.

Os contos orais na Bahia em geral, se originam de histórias populares, mitos, lendas e experiências coletivas. Eles são contados em contextos diversos, como em rodas de conversas informais nas praças, em reuniões familiares e durante festas religiosas ou culturais. Esses contextos propiciam a transmissão de valores, tradições e ensinamentos de cunho sociocultural e moral.

Além de evidenciar alguns aspectos sobre a origem desses contos orais de relatos populares na Bahia, os mesmos estão enraizados na memória e nas tradições locais. Essas narrativas carregam consigo influências africanas, indígenas e europeias, espelhando traços culturais de determinada região. Por exemplo, narrativas sobre figuras lendárias ou histórias de santos católicos demonstram como a tradição oral, por meio da contação de histórias, pode colaborar para a preservação da cultura de um povo, como no caso dos povos indígenas canadenses, que lutaram pela preservação de sua cultura.

A luta pela preservação cultural dos povos indígenas é um tema diretamente vinculado à tradição dos contos orais. Essa tradição desempenha um papel crucial nesse processo, visto que é por meio dessas narrativas que valores, crenças, códigos morais, práticas econômicas e espirituais são transmitidos e transformam vidas.

De acordo com Saraiva (2020),

[...] o processo colonizador tentou destruir a cultura dos povos indígenas, mas pela tradição oral, por meio da contação de histórias, ensinamentos, histórias de luta, aspectos do local, da natureza, da importância da ligação com a terra são compartilhados entre o narrador e o ouvinte/interlocutor e atravessam as gerações como forma de conservar os registros históricos dessas comunidades (Saraiva, 2020, p. 3).

Os contos orais de povos indígenas ou outros, existentes no interior da Bahia, carregam consigo uma pluralidade de temas culturais, morais e éticos. Observamos que eles explicitam valores como a justiça, a sabedoria, a lealdade e a coragem. Além disso, esses relatos muitas vezes lidam com questões sociais e contemporâneas, como as mudanças nas tradições familiares ou a relação entre o homem e a natureza, entre outros.

Essa preservação cultural, sustentada pela tradição oral, não apenas mantém vivos os ensinamentos e histórias dos povos indígenas, mas também fortalece a identidade cultural de outras comunidades, presentes no interior da Bahia. Neste trabalho, os contos orais que compõem o *corpus* da pesquisa carregam uma pluralidade de temas que vão desde valores como justiça e sabedoria até questões contemporâneas, refletindo a riqueza e a complexidade da vida e da sociedade.

3 TRADUÇÃO COMO PROCESSO DE REESCRITA, REGISTRO E DIVULGAÇÃO DE CULTURAS ORAIS

A tradução é um processo criativo e mutável que abrange fatores do contexto sociocultural, levando em consideração as características particulares do material que está sendo traduzido, bem como a visão de mundo e o universo do autor. Nesse sentido, a tradução não se limita em transferir o conteúdo de um texto literalmente para outro idioma, mas se trata de um processo em que se deve considerar, além da informação presente no texto fonte (doravante TF), a interpretação que o tradutor faz sobre ele, e que são constituídas por questões de sua história pessoal, social e política.

Nesse sentido, segundo Arrojo (2007), compreendendo a característica variável do texto, na tradução não há possibilidade de reproduzir fielmente o TF justamente porque “[...] não é um receptáculo de conteúdos estáveis e mantidos sobre controle, que podem ser repetidos na íntegra [...]” (Arrojo, 2007, p. 38). A autoria não se restringe exclusivamente ao escritor, pois o texto é um produto da interação entre os interlocutores. Na tradução, esse entendimento deve ser considerado pois, o tradutor antes de ser um reproduzidor desse texto, é um leitor. Desse modo, “[...] é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido [...]”, conforme aponta Arrojo (2007).

A tradução envolve negociações complexas entre línguas e culturas, resultando em comprometimento e estratégias mais adequadas ao longo do processo tradutório. Dessa maneira, na tradução é comum identificar desafios e “choques” entre os elementos das línguas de partida e chegada. Sob essa visão, Aubert (1995), afirma que esse conflito [...] na realidade, e como em tudo que pertence ao homem, é inerente à linguagem e à cultura, por decorrência, à tradução [...]”. (Aubert, 1995, p. 33). A arte da tradução é um processo criativo e ativo, atravessado por fatores culturais, históricos e sociais, editoriais e ideológicos. Portanto, ela não está condicionada à transposição literal de significados de um texto “original”, mas busca também capturar suas essências, suas nuances e sua mensagem implícita.

Ao longo desse processo, é inevitável que ocorra decréscimos e incrementos, isso devido ao diálogo e intercâmbio entre línguas e culturas. Essa troca de perspectivas enriquece as traduções, tornando-as reflexo da diversidade e complexidade do mundo em que vivemos.

A tradução cultural opera de forma direta na tentativa de criar um entrelugar onde as culturas possam dialogar e se entender. Como destacam Borges e Nercolini (2002), ela “[...] implica um contato cultural profundo entre duas ou mais culturas [...]” (Borges; Nercolini, 2002, p. 6). Esse processo demanda entender e comunicar aspectos culturais para além da mera tradução de palavras, abordando as práticas e valores que definem uma cultura.

Antes de estabelecer os primeiros contatos com a cultura do outro, é essencial pensar em como entender e assimilar uma cultura que não seja a própria, de forma a minimizar os conflitos próprios a essa interação. Borges e Nercolini (2002) argumentam que [...] [n]a tradução cultural, [...] não somente se busca a tradução da língua, mas ampliasse o leque e busca-se traduzir a cultura do Outro nas suas distintas dimensões” (Borges; Nercolini, 2002, p. 6). Essa abordagem destaca a necessidade de um espaço de negociação, onde as identidades e referências culturais onde os traços das identidades e referências culturais possam ser capturados para facilitar a comunicação.

A tradução cultural se constitui em um processo dialógico que envolve tanto a comunicação quanto o enfrentamento dos desafios presentes no contexto. Como observa Sarlo (2002 *apud* Borges e Nercolini, 2007, p. 6), “[...] a tradução é, simultaneamente, comunicação e obstáculo, uma vez que as línguas [culturas] nunca se refletem umas nas outras como em um espelho [...]”. Essa tensão que se estabelece no processo entre possibilidade e impossibilidade de traduzir, de certo modo, conscientiza o tradutor a reconhecer que seu trabalho nunca está concluído, é uma tentativa contínua de aproximação, entendimento mútuo entre culturas distintas.

Segundo Costa (2005), [...] a textualização é o processo pelo qual um tradutor transforma o ideacional em um novo texto, utilizando seu acervo linguístico e experiência, mas sempre restrito pelas particularidades do texto original. Isso inclui as idiosincrasias gramaticais e lexicais que diferenciam as línguas envolvidas [...]. A tradução, então, não apenas revela a multiplicidade inerente a qualquer texto, mas também destaca a sua indeterminação. Essa indeterminação está presente no exemplo que o autor apresenta sobre a perspectiva de Mason (1982), que aponta que mesmo dois leitores de uma mesma língua dificilmente interpretam um texto da mesma maneira, e essa variação é ainda mais pronunciada em traduções. Nesse sentido, Costa (2005), entende a tradução como processo de retextualização do TF, cujas características se constituem a partir da interpretação do tradutor, conforme sua visão de mundo e experiência extralinguística.

Através da tradução, textos transcendem seus limites linguísticos originais, adquirindo novas dimensões interpretativas. A tradução, portanto, é um processo dinâmico que pode transformar e enriquece o texto, ao mesmo tempo que desafia o tradutor a equilibrar a correspondência (ao texto fonte) e criatividade por parte da intervenção do autor.

O ato tradutório não neutraliza o tradutor. O processo envolve aspectos cognitivos, conhecimento de mundo e também dimensões prático-reflexivas, éticas e políticas. Nesse sentido, o tradutor encontra-se em uma luta constante na busca da visibilidade e reconhecimento do seu trabalho pela comunidade.

Retomando a ideia anterior, Abes (2022, p. 2), destaca que: “[...] cindir a atividade do tradutor em duas facetas:

a profissão, que diz respeito a questões legais, contratos, sindicatos, práticas do mercado e políticas editoriais, e o ofício, ligado a um conhecimento e um *savoir-faire*, que envolve questões prático-reflexivas e éticas[...]" A ideia da invisibilidade está diretamente conectada ao apagamento do trabalho que o tradutor desenvolve ao traduzir um TF para o texto de chegada. Nesse processo, o tradutor precisa lidar com questões que colocam seu trabalho em xeque, como a comparação feita pelo leitor que classifica o texto como se fosse originalmente escrito em sua língua materna. Outro critério é a exigência de que a tradução tenha uma leitura fluente, o que pode levar ao apagamento de peculiaridades linguísticas ou estilísticas do TF. A respeito dessa ideia, Abes (2022, p.7) aponta que [...] o efeito de transparência camuflaria as intervenções cruciais do tradutor [...]. Além disso, Venuti (1995), conclui que quanto mais fluente é a tradução, menos perceptível se torna a presença do tradutor, enquanto o autor do texto estrangeiro se torna mais evidente.

Nessa perspectiva, entendemos que o texto traduzido fluente abarca peculiaridades que o torna único. Como observado por Abes (2022):

[...] essas características fazem com que elementos como gírias, jargões, mudanças a mudanças abruptas de tom ou dicção e outras soluções que chamem a atenção para a materialidade da língua, para a opacidade das palavras, diferente do que ocorre no caso das culturas britânica e norte-americana — o inglês padrão que busca apagar essas inserções de cunho cultural, estrutural, social e local presente na língua (Abes, 2022, p. 7).

Sendo assim, é importante ressaltar que o critério utilizado para classificar uma boa tradução não pode estar vinculado à suposta hegemonia de uma fluência na língua materna. Deve-se levar em consideração as características do TF, que nem sempre é fluente na própria língua estrangeira, o vocabulário simples ou complexo, os períodos de escrita do texto que será traduzido, entre outros fatores.

3.1 CAMINHOS TRADUTÓRIOS: DOMESTICAÇÃO ESTRANGEIRIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DE CONTOS ORAIS

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa. A investigação foca especialmente no duplo propósito de preservar a memória identitária das narrativas e garantir a visibilidade do tradutor como mediador cultural. Os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa foram coletados pelos bolsistas de Iniciação Científica e seus orientadores que fazem parte da Pesquisa Cacimba de Histórias. Essa coleta foi realizada a partir de entrevistas gravadas com os mestres e mestrãs contadores de histórias do interior da Bahia. Após a coleta, os textos foram transcritos e posteriormente editados, e só após essa edição, foram traduzidos para o espanhol pela pesquisadora deste trabalho sob supervisão da professora Ana Jaci M. S. Carneiro (DEDU/UEFS).

Para a tradução dessas Poéticas Orais foram utilizados dicionários físicos e online. Também utilizamos a ferramenta de tradução *Smartcat* como suporte técnico para proporcionar maior eficiência ao trabalho, através desta ferramenta foi possível otimizar a reutilização de termos traduzidos e armazenados em um glossário específico.

Para análise foram considerados os seguintes critérios: A observação dos caminhos tradutórios mais evidentes, considerando as tendências domesticação e estrangeirização (Venuti, 1995; 2019), a justificativa das escolhas realizadas e quais implicações/desafios identificados.

A história da tradução de uma obra envolve diferentes características e desafios que exigem do tradutor o uso de vocabulário simples ou complexo no processo de transposição da língua de partida para a língua alvo. No campo dos estudos da tradução, as técnicas de domesticação e estrangeirização, conforme teorizadas por Lawrence Venuti (1995), são primordiais para entender as escolhas tradutórias e suas implicações culturais e políticas. Nesta seção, vamos explorar essas duas tendências, as quais auxiliarão na análise do corpus desta pesquisa.

A domesticação é uma estratégia que adapta o texto traduzido para que ele pareça natural e fluente ao leitor da língua de chegada. Essa abordagem é criticada por Venuti (2019), ao argumentar que no sistema cultural anglo-americano, ela muitas vezes apaga a intervenção e a presença do tradutor, reforçando uma ideia de hegemonia cultural. Santos (2021) contribui com esse conceito ao explicar que “[...] a domesticação geralmente implica a adaptação dos valores linguísticos, culturais e políticos do texto fonte, na busca de caminhos que resolvam os problemas impostos pela hegemonia global do inglês, para torná-lo mais acessível e familiar ao leitor da língua de chegada” (Santos, 2021, p. 52).

Venuti (2019), aponta que a domesticação pode levar a uma forma de “colonização cultural”, onde os valores e normas da cultura de chegada dominam e suprimem as particularidades do texto original. Ele afirma que “a tradução enquanto prática cultural envolve, profundamente, uma relação de dominação” (Venuti, 2019, p. 157). No entanto, é importante considerar que a domesticação pode tanto reparar e valorizar a cultura do outro quanto desvalorizar determinados elementos culturais, dependendo do contexto da tradução.

Por outro lado, a estrangeirização é uma estratégia que objetiva preservar tanto elementos culturais quanto elementos linguísticos do TF, mantendo sua alteridade e complexidade impressas pela decisão do tradutor. Venuti (1995) aponta que a intenção do autor do TF pode desafiar as estratégias da tradução, destacando a diferença presente na língua/cultura do texto de origem. Do mesmo modo, assim como a domesticação, o efeito da estrangeirização pode ser negativo ou positivo dependendo do contexto.

Nessa perspectiva, a escolha de elementos linguísticos-culturais envolve uma série de decisões complexas por parte do tradutor. Santos (2021), destaca que: “[...] a estrangeirização

é concorrente com as inclinações domesticadoras, visto que a tradução por ser um processo de negociação que se estabelece entre dependências e dominações, marca as assimetrias entre os diferentes espaços [...]” (Santos, 2021, p. 51).

As estratégias de domesticação e estrangeirização, conforme delineadas por Venuti (1995), oferecem a possibilidade de olhar as facetas das escolhas tradutórias e suas implicações culturais. A compreensão dessas abordagens nos proporciona uma apreciação mais profunda do trabalho desenvolvido pelo tradutor como mediador cultural e das dinâmicas envolvidas no processo tradutório. A escolha entre domesticação e estrangeirismo nunca será simples, mas devem ser guiadas pelo respeito às culturas envolvidas nesse processo.

Diante disso, no presente trabalho consideramos as características desses caminhos para analisar os desafios observados no processo de tradução dos contos orais do interior da Bahia, cujo dilema envolve a conservação dos aspectos culturais presentes no TF e a interferência inevitável do tradutor nesse processo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta seção, analisamos os contos selecionados para este artigo, destacando os desafios enfrentados no processo de tradução, especialmente em relação às estratégias de estrangeirização e domesticação. Apresentamos as justificativas das escolhas tradutórias, das significações linguísticas-culturais e as implicações dessas escolhas para a compreensão e apreciação dos textos pelo público-alvo.

Esses textos orais são peculiares, ricos em diversidade de contextos tanto culturais quanto linguísticos, enriquecendo o material traduzido permitindo uma discussão aprofundada sobre as estratégias da tradução. Nesse sentido, por meio destes contos é possível observar como as nuances culturais e linguísticas foram tratadas na realização da tradução, conforme o interesse de garantir a adaptação para o público-alvo.

A tradução dos textos literários se constitui num processo de desafios significativos, especialmente quando se trata de preservar a essência cultural e linguística do TF. Nesse sentido, trabalhamos nesse projeto com dois conceitos fundamentais no processo da tradução que são a domesticação e a estrangeirização (Venuti, 1995; 2019).

4.1 DAS LEXIAS NO CONTO 1 O CORUMBA, O DRAGÃO E O ANEL

Nesta análise, realizamos inicialmente, a observação dos elementos léxico-culturais presentes no conto “O corumba, o dragão e o anel”, com enfoque nos desafios tradutórios decorrentes da complexidade do processo. No primeiro caso, nos atentamos a tradução da lexia “*senhor de engenho*”, cujo correspondente apresentado é “*rico hacendado*”. Nela identificamos a evidência de uma tentativa de adaptação do texto ao contexto cultural do público-alvo. No contexto hispano-falante, o termo ‘*senhor de engenho*’ não carrega a mesma carga cultural que aquela apresentada no TF.

A tradução realizada através dos parâmetros da domesticação, embora busque evitar ambiguidade para o leitor estrangeiro, resulta na perda de elementos culturais e históricos relacionados ao termo, dado que esse se associa às relações sociais estabelecidas com uma figura hierárquica do homem branco no período de escravização e ao contexto de produção de açúcar. O ‘*senhor de engenho*’ escraviza, silencia e tira a vida daqueles que não seguem seus princípios, como é possível observar em sua atitude descrita no conto em anexo. A tradução enfrenta o desafio de lidar com essas questões histórico-sociais. Embora apresente a tentativa de aproximar o TF ao leitor estrangeiro, esta escolha recai num processo despropositado de apagamento. A domesticação pode apagar parte da memória implícita no termo, e este caso corresponde ao primeiro desafio enfrentado pelas tradutoras, que precisaram decidir se ou bem aproxima o leitor ao TF ou este ao público de recepção.

Outro ponto observado foi a tradução da expressão “*cobra assanhada*” traduzida por “*serpiente enfurecida*”. Em ambos contextos as lexias se referem a um réptil com características semelhantes, portanto, não iguais (sem pés, cabeça chata, corpo longo e pele colorida que muda periodicamente). Assim, a escolha de *serpiente enfurecida* se justifica como um exemplo de domesticação, posto que a tradução ajusta-se ao contexto cultural do hispanohablante, na tentativa de evitar ambiguidades. A tradução direta de “*cobra*”, não daria conta de informar que se trata de um réptil que possui chocalho na cauda. “*Cobra assanhada*” é uma metáfora no TF, associada ao comportamento agressivo do fazendeiro, e a tradução para “*serpiente enfurecida*” compreende-se como adequada, posto que o adjetivo aproxima a característica humana, mantendo a ideia de fúria constante explicitada no TF, ou seja, a linguagem conotativa se mantém. Neste caso então, observamos uma intervenção direta do tradutor na modulação da lexia para corresponder ao significado contido no TF que ao mesmo tempo assegura, com a colaboração do contexto, a interpretação do sentido “original”.

A escolha de “*engenho de açúcar*” para “*plantación de azúcar*” realizada pelas tradutoras reflete outro exemplo de domesticação. O termo “*engenho*” carregado de questões históricas e coloniais, remete ao contexto da produção de açúcar e ao mesmo tempo a um contexto de exploração da mão de obra escrava africana. Assim, observa-se que a escolha realizada pelo correspondente em espanhol sugere ajustar o texto ao contexto cultural do público-alvo, contemplando o leitor estrangeiro, entretanto resulta também na perda de significados culturais e históricos importantes. E neste caso evidencia-se o desafio, posto que a tradução direta de “*engenho*” poderia não ser compreendida da mesma forma pelos leitores hispânicos, já que refere-se especificamente a um contexto histórico do Brasil colonial.

Por fim, observamos também a tradução da lexia “*caducas*” por “*enloquecían*”. Compreendemos que esta tradução domesticadora propõe a manutenção da clareza do

CONTO 1: O CURUMBA, O DRAGÃO E O ANEL

O curumba, o dragão e o anel

Eu vou falar seu nome, Duda
 Duda, eu vou lhe contar
 Uma história interessante
 De um rico senhor de engenho
 Porém era um protestante
 Não acreditava em nada
 Era uma cobra ssanhada
 Era um monstro ignorante

Mas no engenho desse dragão
 Muitos homens esidiam
 Moradores por ali
 Pouquinho tempo viviam
 Se não quisessem sofrer
 No mesmo instante morrer
 Fizessem o que ele não queria

Quando nascia um menino
 Ali não se batizava
 No nome de Jesus Cristo
 Ali nunca se tratava
 No seu engenho de açúcar
 As moças ficavam caducas
 E os rapazes não se casavam

Se por acaso escapulisse
 O Santo nome de Jesus
 Tinha que morrer sangrado
 Depois de morto, pisado
 E o corpo virado em pus

Mas um belo dia desceu
 Um curumba do sertão
 E foi procurar serviço
 No engenho desse dragão
 Estava muito cansado
 Estava necessitado
 E tinha muita precisão

Um cabra disse: curumba
 Pode ir se agasalhar
 Querei trabalhar
 Ou amanhã pode ficar
 Trabalhando no engenho
 Que muito serviço tem
 Você pode se arrumar

Foi o curumba para o rancho
 Sua rede foi armar
 Estava muito cansado
 Precisava descansar

Mas quando na rede sentou
 A Jesus recomendou
 Benzeu e foi se deitar

Mas estavam todos acordados
 Não tinham apagado a luz
 Viram o curumba rezando
 Fazendo o sinal da cruz
 Falou o muito avexado

Tu serás crucificado
 Falando aqui em Jesus
 O verdadeiro Deus supremo
 O nosso patrão ignora
 Para ele não existe
 Nem Deus nem Nossa Senhora
 Quem acredita nessas coisas
 Termina na fialoiça
 E morrerá na mesma hora

Disse o curumba: Por Jesus?
 Me obrigo até morrer
 Posso dizer a vocês
 O que pode acontecer
 Se ele me obrigar
 A dentro eu entrar
 Eu entro para vocês verem

Quando bateu cinco horas
 Foram todos trabalhar
 Quando bateu meio dia
 Vieram todos almoçar
 Já tinha um conversando
 Já estava imaginando
 Como ia enredar

Chegou lá e disse:
 Patrão, fique sabendo o senhor
 Ontem chegou um curumba
 Vai ser seu trabalhador
 Disse essa noite no rancho
 Que o homem na terra é um
 gancho
 E o grande é nosso Senhor

Disse o doutor: Cale a boca
 Deixe ele trabalhar
 Qualquer um dia ele me diz
 Onde é que Deus está
 Em qual canto viu Jesus
 Qual é o sinal da cruz
 Para ele acreditar

Com três dias depois disso
 O engenho estava moendo
 As moendas quebrando cana
 E os tachos estavam fervendo

O doutor aí foi chegando
 Tudo aí foi se mudando
 Porque estavam temendo

Ficaram todos escutando
 E ouviram a voz do doutor
 Rapaziada me diga
 Qual é o trabalhador
 Que acredita em Jesus Cristo

E chama por nosso Senhor

Mas aí gritou o curumba
 No meio da população
 Sou eu que acredito em Deus
 E na virgem da Conceição
 Tudo isso tem valor

El curumba, el dragón y el anillo

*Voy a decir tu nombre, Duda.
 Duda, te voy a contar
 Una historia interesante
 De un rico hacendado
 Pero él era un protestante
 No creía en nada
 Era una serpiente enfurecida
 Era un monstruo ignorante*

*Serás crucificado
 Hablando así de Jesús
 El verdadero Dios supremo
 Nuestro jefe ignora
 Para él no existen
 Ni Dios ni Nuestra señora
 Quien creer en estas cosas
 Terminará en la morgue
 Y morirá en el mismo momento*

*Pero en el molino de este dragón
 Muchos hombres esidían
 Los habitantes de allí
 Vivían poco tiempo
 Si no querían sufrir
 Morían al instante
 Si no hacían lo que él quería*

*Dijo el corumba: ¿Por Jesús?
 Me obligo hasta la muerte
 Puedo decirles
 Lo que puede suceder
 Si me obliga
 A entrar adentro
 Entraré para que lo vean*

*Quando nació un niño
 No era bautizado allí
 Nunca se mencionaba
 El nombre de Jesucristo
 En su plantación de azúcar
 Las chicas loquecían
 Y los chicos no se casaban*

*Quando dieron las cinco en punto
 Todos se fueron a trabajar
 Cuando dio el mediodía
 Todos vinieron a almorzar
 Ya había alguien conversando
 Ya estaba imaginando
 Cómo iba a enredar*

*Si por casualidad se escapaba
 El santo nombre de Jesús
 Tenía que morir desangrado
 Después de muerto, ser pisoteado
 Y su cuerpo convertido en pus*

*Llegó y dijo:
 Jefe, sepa usted
 Ayer llegó un curumba
 Será su trabajador
 Dijo anoche en la choza*

*Que el hombre en la tierra es un garfio
 Y el grande es nuestro Señor*

*Pero un hermoso día descendió
 Un curumba del sertón
 Y se fue a buscar trabajo
 En la plantación de este dragón
 Estaba muy cansado
 Tenía necesidad
 Y mucha urgencia*

*Dijo el doctor: Cállate
 Déjalo trabajar
 Cualquier día me dirá
 Dónde está Dios
 Donde está Dios
 En qué rincón vio a Jesús
 Cuál es la señal de la cruz
 Para que él crea*

*Un hombre dijo: "curumba"
 Puedes ir a brigarte
 Si quieres trabajar
 O mañana puedes quedarte
 Trabajando en la plantación
 Que hay mucho trabajo
 Puedes arreglarte*

*Tres días después de eso
 El molino estaba moliendo
 Los ingenios rompían caña
 Y las ollas hervían
 El doctor se acercó
 Todo empezó a cambiar
 Porque tenían miedo*

*El curumba se fue al rancho
 Arregló su amaca
 Estaba muy cansado
 Necesitaba descansar*

*Todos se quedaron escuchando
 Y oyeron la voz del doctor*

*Pero cuando se sentó en la hamaca
 A Jesús recomendó
 Bendícenos y luego se acostó*

*Muchachada, díganme
 ¿Cuál es el trabajador
 Que creer en Jesucristo
 Y llama a nuestro Señor?*

*Pero estaban todos despiertos
 No habían apagado la luz
 Vieron al curumba rezando
 Haciendo la señal de la cruz
 Uno dijo muy enojado*

*Pero entonces el cumba gritó
 En medio de la multitud
 Soy yo quien creer en Dios
 Y en la virgen de la Concepción
 Todo esto tiene valor
 Sepa usted, señor*

Seja o senhor sabedor É essa pessoa pois não Quer dizer que eu não sou nada? O doutor lhe respondeu Ora lhe disse o curumba Nem o senhor e nem eu Lhe afirmo com certeza Que toda essa riqueza Foi nosso pai que lhe deu	<i>Soy esa persona, ¿verdad? ¿Quiere decir que no soy nada? El doctor le respondió Bueno, Le dijo el cumba Ni usted ni yo Te lo digo con seguridad Que toda esa riqueza Fue nuestro padre quien la dio</i>
Mas, ali mexia um tacho Um tal de Pedro Miguel Disse o doutor: para um pouco E tirou do dedo um anel Com sua ira mesquinha Com todo orgulho que tinha Jogou no tacho de mel	<i>Pero allí estaba revolviendo una cacerola Un tal Pedro Miguel El doctor dijo: espera un momento Y se quitó un anillo del dedo Con su mezquina ira Con todo orgullo que tenía Lo arrojó al tacho de miel</i>
E disse para o curumba Eu quero ver a tua ação O que eu vou mandar fazer Você não me diz que não Já que seu Deus é fiel Você tira esse anel E a de ser com a mão	<i>Y le dijo al curumba Quiero ver tu acción Lo que voy a mandar hacer No me digas que no Ya que tu Dios es fiel Saca ese anillo Con tus propias manos</i>
Ele disse sim senhor, Com fé em Deus vou tirar Só posso não lhe trazer-lo Se caso eu não encontrar Mas no fundo do tacho de mel Fácil ele achou o anel E ao doutor foi entregar	<i>Él dijo: sí, señor, Con fe en Dios lo sacaré Solo no te lo traeré si no lo encontrar Pero en el fondo de la cacerola de miel Fácilmente encontró al anillo Y se lo entregó al doctor</i>
Quando o doutor viu a cena Sentiu grande comoção Sentiu um trêmulo forte Bater no seu coração Ali pegou a tombar Não pôde se sustentar E caiu sem vida no chão	<i>Cuando el doctor vio la escena Sintió una gran conmoción Sintió un temblor fuerte Golpeando su corazón Allí cayó al suelo Y se desplomó sin vida</i>
Depois que abriu os olhos Com as vistas embaraçadas Já sei que existe Deus Não duvido mais em nada Acredito em tudo isso Me perdoe, ôh Jesus Cristo E Maria Imaculada	<i>Después de abrir los ojos Con la vista confundida Ahora sé que Dios existe Ya no dudo de nada Creo en todo esto Perdóname, oh Jesuscristo Y María Inmaculada</i>
Quem tem fé em Jesus Cristo E amar de coração Cai no mar não se afoga Pega uma onça com a mão Nas maiores matas esquisitas Feliz de quem acredita Na virgem da Conceição	<i>Quien tiene fé en Jesuscristo Y ama de corazón Puede caer en el mar sin ahogarse Agarrar a un jaguar con la mano En las selvas más extrañas Feliz aquel que cree En la virgen de la Concepción</i>
Disse o doutor ao curumba Você é o meu camarada Porque limpou minha vida Que estava enrascada Me salvou desse perigo Vai viver juntinho comigo E não te falta mais nada.	<i>Dijo el doctor al curumba Usted es mi compañero Porque has limpiado mi vida Que estaba complicada Me salvaste de ese peligro Vas a vivir junto a mí Y no te falta nada más.</i>

estado de loucura descrita no texto, mantendo a estrutura e o sentido semântico adaptado ao contexto cultural dos leitores hispânicos. Neste caso, essa escolha demonstra o cuidado em preservar o sentido semântico e cultural do TF, evitar ambiguidades e favorecendo a identificação com a situação descrita. Assim, identificamos que, embora domesticado, a significação da lexia se mantém com a escolha das tradutoras. Essa ocorrência ratifica que a domesticação pode então oferecer ou não desafios ao processo tradutor, dependendo das lexias, do contexto em que estão inseridas e da interseção semântica entre as possibilidades nas duas línguas.

4.2 DAS LEXIAS NO CONTO 2: ROSA BRANCA - PARTE 1

Nesta análise, exploramos os aspectos culturais presentes no conto “*Rosa Branca - Parte 1*”. Ao nos atentarmos aos desafios explicitados com a escolha das tradutoras, identificamos que um dos principais foi a correspondência de “*pé de serra*” a “*planta de sierra*”. Esta escolha foi tomada com o propósito de ajustar o texto ao contexto cultural do público-alvo, na tentativa de evitar ambiguidades e facilitar uma compreensão mais precisa por parte do leitor estrangeiro.

Nesse sentido, a tradução realizada pelas tradutoras é um exemplo de estrangeirização, posto que elas tentam manter a semântica do objeto apresentado. Entretanto, sublinhamos que potencialmente essa decisão não assegura a referencialidade do TF, posto que o “*pé de serra*” corresponde a um espaço geográfico específico, que embora pertença a flora, não se trata de uma planta. No entanto, salientamos que na escolha em traduzir literalmente, as tradutoras também incorreriam no risco de causar a perda de algumas conotações culturais específicas do nordeste brasileiro, que não possuem equivalente direto no contexto hispânico.

Outro ponto relevante é a escolha da lexia “*morena*” por “*moreno*”, como correspondente no texto de chegada para representar uma cor escura que tende ao preto. A tradução realizada pelas tradutoras para “*moreno*” é um exemplo de domesticação. Essa escolha, aparentemente, visa adaptar o texto ao contexto cultural do público hispânico, mantendo a conotação do TF. No entanto, salientamos que “*moreno*” pode também refletir questões de exclusão e racismo, pois historicamente tem sido usado para suavizar a referência a pessoas de pele escura, evitando diretamente o termo “*negro*”. Neste caso, observa-se que outra possibilidade seria o uso de “*morocha*”, comum em países da América Latina como Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai, referindo-se a uma pessoa com pele ou cabelo preto mais bem aproxima a descrição posta no TF. Com isso, identificamos, portanto, que embora a escolha de “*moreno*” sugira aproximação, considerando especialmente às nuances culturais e linguísticas da cultura de chegada, evidencia as complexidades que desafiam o tradutor nesta escolha.

No caso da tradução realizada pelas tradutoras do termo “*menina*” para “*niña*”, observamos a manutenção da clareza e da familiaridade do termo no contexto hispânico,

CONTO 2: ROSA BRANCA - PARTE 1 (Recolha cheganças + Cacimba)**Rosa Branca - Parte 1**

Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor

Meu benzinho é bonitinho
 Ainda ontem eu eparei
 Tem um disfarce nos olhos rosa branca
 Só por morte eu deixarei

Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor

Cor morena não se vende
 Cor morena não se dá
 Cor morena é uma beleza rosa branca
 Pra quem sabe apreciar

Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor

Meu coração é um palácio
 Tem vento e tem céu e tem lua
 Tem água tem mar e tem terra rosa branca
 Tem um salão morada sua

Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor

Cravo branco no cabelo
 É sinal de casamento
 Menina tira esse cravo rosa branca
 Não ainda chegou teu tempo

Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor
 Coração que vive triste
 Viva alegre se puder
 Coração que vive triste rosa branca
 Não arruma o que quer

Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor

Da tinta fiz um tinteiro
 Da língua pena parada
 Dos olhos letra miúda rosa branca
 Da boca carta fechada
 Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor

Rosa Blanca - Parte 1

*Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa blanca
 Me voy a distraer con otro amor*

*Mi bebé es bonito
 Ayer mismo lo noté
 Hay un disfraz en tus ojos, rosa blanca
 Solo en la muerte dejaré*

*Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa blanca
 Me voy a distraer con otro amor*

*El color moreno no se vende
 El color moreno no se da
 El color moreno es una belleza, rosa blanca
 Para los que saben apreciar*

*Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa
 blanca Me voy a distraer con otro amor*

*Mi corazón es un palacio
 Hay viento, hay cielo y hay luna
 Tiene agua, hay mar y hay tierra, rosa blanca
 Tiene un salón, su morada*

*Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa
 blanca Me voy a distraer con otro amor*

*Clavel blanco en el cabello
 Es señal de matrimonio
 Niña, quítate ese clavel, rosa blanca
 Aún no ha llegado tu momento*

*Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa blanca
 Me voy a distraer con otro amor
 Corazón que vive triste
 Vive alegre si puedes
 Corazón que vive triste, rosa blanca
 No consigue lo que quiere*

*Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa blanca
 Me voy a distraer con otro amor*

*Con la tinta hice un tinteiro
 Con la lengua una pluma quieta
 Con los ojos letra menuda, rosa blanca
 De la boca una carta cerrada
 Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa blanca
 Me voy a distraer con otro amor*

Adeus casa de farinha
 Terreiro de uma viração
 Adeus menino bonito rosa branca
 Cravo do meu coração
 Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor

Minha gente não ignore
 Eu cantar por se casada
 Pois eu canto é de alegria rosa branca
 Porque estou bem aparada

Rosa branca pé de serra
 Coração traidor
 Vou-me embora dessa terra rosa branca
 Vou distrair com outro amor
 Quando ver um beija-flor
 Vim na porta e na janela
 É um abraço que eu te mando rosa branca
 Receba na asa dela

Já cantei já recantei
 Já não posso mais cantar
 Já me doe o céu da boca rosa branca
 O dentinho do queixar

*Adiós casa de harina
 Patio de una danza
 Adiós niño bonito, rosa blanca
 Clavel de mi corazón
 Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa blanca
 Me voy a distraer con otro amor*

*Mi gente no ignore
 Que canto aunque sea casada
 Pues canto de alegría, rosa blanca
 Porque estoy bien resguardada*

*Rosa Blanca, planta de sierra
 Corazón traicionero
 Me voy de esta tierra, rosa blanca
 Me voy a distraer con otro amor
 Cuando veas un colibrí
 Viniendo a la puerta y a la ventana
 Es un abrazo que te envío, rosa blanca
 Recíbelo en su ala*

*Ya canté, ya recité
 Ya no puedo cantar más
 Ya me duele el cielo de la boca, rosa blanca
 El diente pequeño del mentón*

Fonte: <https://geppouefs.wixsite.com/uefs/es>

frequentemente utilizados em âmbitos familiares como manifestação de afeto. Essa tradução é um exemplo de domesticação que buscou adaptar o texto ao contexto cultural do público de chegada, mantendo a clareza e compreensão, aspirando garantir a “neutralidade”, acessibilidade e a compreensão do texto para o público hispanohablante. No contexto do texto, o verso “*Menina tira esse cravo rosa branca/Não ainda chegou teu tempo*” refere-se a um rito de passagem, expectativas e tradições, como o casamento, para o qual a menina ainda não está pronta. No entanto, outra possibilidade seria o uso do termo “nena”, porém, embora tenha maior aproximação semântica com o objeto analisado, não captaria plenamente o significado cultural e o rito de passagem implícito no TF.

Finalmente, no que tange ao termo “*casa de farinha*” foi traduzida por “*casa de harina*”, preservando a referência cultural do termo no TF. Neste caso, a tradução realizada é um exemplo de estrangeirização. Embora essa escolha possa resultar certa estranheza para o leitor hispânico, essa escolha mantém a integridade histórica e cultural do TF, oportunizando ao público estrangeiro uma porta de entrada para o universo cultural e histórico do Brasil, em especial do Nordeste, como, por exemplo a produção de farinha de mandioca, uma prática tradicional. Essa tradução mantém as nuances culturais e sociais, para a compreensão do termo no contexto hispânico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo destaca a importância das práticas orais na preservação das tradições populares, enfatizando a relevância das experiências sociais acumuladas na construção dessa memória coletiva. Ao traduzir os contos do interior da Bahia para o espanhol, observou-se majoritariamente a tendência à domesticação na atuação das tradutoras, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor na língua de chegada. No entanto, essa estratégia, embora eficaz para facilitar a leitura, em alguns casos, incorre no risco de causar o apagamento de elementos sociais-históricos e culturais presentes nos TF.

A análise realizada evidenciou que tanto a domesticação quanto a estrangeirização apresentam riscos: a Domesticação pode resultar na perda de especificidades culturais do TF, enquanto a Estrangeirização, ao manter a fidelidade do TF, pode comprometer a compreensão e a relevância para o público-alvo, mobilizando uma leitura de estranhamento. Dessa forma, o trabalho tradutório se configura como um processo complexo, em que o equilíbrio entre a preservação da memória identitária e a acessibilidade do conteúdo para novos leitores deve-se ser analisada e sempre corresponderá a um projeto e às experiências linguísticas, sociais e culturais do tradutor.

Por fim, com este trabalho de análise do *corpus* de estudo vinculado ao projeto *Cacimba de História*, pudemos

refletir sobre os desafios postos na tentativa de equilibrar a visibilidade do tradutor com a necessidade de manter viva a memória coletiva das comunidades envolvidas, fazendo-nos reconhecer, enquanto pesquisadoras em tradução e tradutoras, as limitações inerentes a esse processo.

REFERÊNCIAS

- ABES, G. J. A invisibilidade do tradutor: ofício, profissão e gestos de um artífice. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador, v. 24, n. 47, p. 5-14, dez. 2022.
- ARROJO, Rosemary. Oficina de tradução: a teoria na prática. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- AUBERT, F. H. **Desafios da Tradução Cultural** (As Aventuras Tradutórias do Askeladden). Tradterm, v. 2, p. 31-44, 18 dezembro 1995.
- BEZERRA, K. G. DA C. S.; SAMPAIO, M. L. P.; RODRIGUES, L. DE O. Memória e identidade na literatura de tradição oral. Palimpsesto - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 27, p. 189-204, 6 dez. 2018.
- BORGES, Ana Isabel and NERCOLINI, Marildo José. A (im) possibilidade da tradução cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. **Anais [...]**. Proceedings online: **Associação Brasileira de Hispanistas**. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 15 maio 2024.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história - novas perspectivas**. São Paulo: Edunesp, 1992.
- CANABARRO, I. D. S.; MOSER, L. M.; ERNESTO, E. S. História, memória e identidade: refletindo sobre a oralidade como aporte para leitura de uma cultura. **Revista Memória em Rede, [S. l.]**, v. 10, n. 18, p. 112-127, 14 jan. 2018.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, E. S. Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras. **Revista Sentidos da Cultura**, Belém, v. 2, n. 2, p. 05-21, nov. 2015.
- COSTA, W. C. O texto traduzido como re-textualização. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 16, p. 25-54, jan. 2005.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- MERCÊS, D.; SANTOS, L. S. Tessituras em tela das histórias de vida e repertórios de mestres narradores do interior da Bahia. In: ANAIS DOS SEMINÁRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 26., 2023, Feira de Santana. **Anais [...]**. Feira de Santana: UEFs, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/semic/issue/view/350>>. Acesso em: 30 out. 2024.
- QUEIROZ, E. L.; SANTOS, C. E. F. Histórias cantadas: repertório dos mestres e mestras da tradição do projeto Cheganças. In: ANAIS DOS SEMINÁRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, n.2, 2023, Feira de Santana. **Anais [...]**. Feira de Santana: UEFs, 2023. p. 98- 112. Acesso em 30 out. 2024.
- SANTOS, Aline de Freitas. Os marcadores culturais do domínio ideológico na tradução de Macunaíma e o protótipo do glossário bilíngue. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes, Feira de Santana, 2021.
- SARAIVA, E. de S. A literatura dos povos indígenas canadenses e a construção do conhecimento através da lenda e da tradição oral. **Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 225-246, jul. 2020.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Diccionario de la Real Academia Española**. Madrid: RAE, 2023. Disponível em: <https://www.dle.rae.es>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.
- VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. New York: Routledge, 1995.